



ENTREVISTA

KUAWÁ KAPUKAY APURINÃ¹- PIETRA DOLAMITA

Comunidade: Povo Apurinã–Aldeias: Kamicuã- Boca do Acre e Boa União- Pauíni-AM.

Formação: Bacharela em Direito, Mestre em Educação (IFSul) e Mestre em Antropologia Social (UFPel) e graduanda em Artes Visuais (UFPel).

1. Conte-nos a sua concepção sobre o protagonismo das Mulheres indígenas.

R.: Nós mulheres indígenas somos as primeiras habitantes deste território denominado Brasil. Nossas organizações sociais estão no pensamento coletivo, daí, o protagonismo das mulheres indígenas tem de ser observado a partir de que perspectiva? Se for pela percepção ocidental, estamos sim, nesta relação de revelação e evidência social e cosmológica para os outros, os não indígenas, ou seja, sermos e estarmos nos lugares que historicamente foram negados, e reconhecidas por atos, lutas modos de viver que é milenar e ancestral.

2. Quais são as principais reivindicações das mulheres indígenas na atualidade?

R.: Quando aqui chegaram os invasores no ano de 1500 com suas caravelas e doenças, éramos milhões vivíamos outro modo de nos relacionar com o mundo. Hoje, 519 anos após, ainda não nos exterminaram, resistimos e lutamos de todas formas possíveis que alguém pode lutar contra a colonização e a dor que isso causou aos nossos corpos e espíritos. Muitos povos morreram. Chamaram-nos de índio, mas não somos índio, somos povos, denominados pela nossa etnia. Somos povos originários. Atualmente, após todos os massacres e modos de extermínio imposto, podemos dizer com muita sabedoria, o estado brasileiro fracassou, não fomos exterminados, catequizados e

¹ Nome indígena na Língua Apurinã de Maria de Fátima Nascimento Urruth.

integrados. Usamos nossa força da terra para existir e resistir sobre os parques territórios que habitamos. E sendo que estamos em uma luta desde 1500, nossa reivindicação se dá em modo ancestral e espiritual, pois queremos apenas viver. E nosso modo de viver está ligado ao território e pertencimento. Demarcar as terras indígenas é de certo modo reparar as mazelas impostas pelo cosmo não indígena. E sendo nossas terras ancestrais demarcadas, poderemos ter nossos corpos respeitados e vivermos em paz em nossos territórios.

“Os povos indígenas em geral são como partes complementares à natureza, numa interação intrínseca visceral; não se veem à parte, mas se percebem com a terra, algo que transcende como ser humano.”²

3. Como se dá a educação de meninas indígenas?

R.: A educação indígena independe de ser menina ou menino, se dá desde a sua concepção, isto é, desde a gravidez. Nos modos alimentares e formas de relação com a comunidade desta nova vida. Não temos que temer dentro das nossas comunidades, pois os índices de violência contra as crianças são inexistente, exceto no Mato Grosso do Sul e áreas de conflitos com grileiros e invasores, onde as meninas sofrem estupros e marcam nas suas pernas esta violência, feito gado, quando não matam e jogam pedaços de seus corpos nos canaviais ou plantações de soja. Educação para nós é como vivemos no mundo, não se limita a escola ou aos papéis da academia, mas uma forma de aprendizagem com os nossos troncos velhos e anciã que nos ensinam como lidar com as florestas e todas as formas de vida existentes.

4. Existem projetos na comunidade indígena que incentivem o protagonismos das mulheres indígenas?

R.: Sempre nos organizamos, desde as cooperativas e associações, especificamente, como falar em projetos apenas de um grupo, podemos falar sobre projetos que nos alicerçam dentro de nossa comunidade, que de algum modo poderá possibilitar o enfrentamento em busca de nossas demandas, que sempre é a terra. Falo em terra sempre pelo singular motivo que sem ela não poderemos plantar, cuidar de nossas famílias e manter as florestas desmatadas.

² Citação da Dissertação de Mestrado em Antropologia Social- UFPel : “TERRA, VIDA, JUSTIÇA E DEMARCAÇÃO”: Mulheres Kaiowá e a luta pela Terra Indígena Taquara, município de Juti, Mato Grosso do Sul, Brasil

5. Como você percebe a atuação das mulheres indígenas na Luta pela terra e conservação da Natureza, e saberes de seu povo?

R.: Somos as guardiãs das sementes e brotos que enfeitam a terra que agoniza em dor pela exploração do capital. Organizamos o fogo, o peixe para alimentar os nossos filhos e filhas. E como não pensamos que a terra é algo capitalizado e bem de consumo, entendemos como uma parental ancestral parte de nosso corpo e espírito. E cuidar da Terra, que chamam de natureza é cuidar de nós mesmas, pois a terra é nossa mãe criadora de nossa essência. E o que nos dá vida e amor. Ouvimos as vozes de nossos troncos velhos, que são como árvores antigas e frondosas que nos ensinam sobre nós e que viveram antes de nós. Os nossos saberes estão nos espíritos das florestas; fauna e flora e estes seres no encantam e (re) encantam a partir de nossas ancestralidades e amor a nossa mãe terra. Faz-se necessário que a sociedade brasileira repense a sua trajetória/história e tenha a consciência e percepção sobre, que construíram suas cidades em cima de nossos territórios.

6. Fale sobre as Relações de Gênero nas comunidades indígenas.

R.: As relações de gênero nos moldes ocidentais não abarcam a nossa diversidade. Somos atualmente 305 (trezentos e cinco) etnias, isso significa povo, e mesmo que estejamos no estado brasileiro que se perceber juridicamente como povo, temos as nossas especificidades e modo de viver no mundo, isto é, vivemos em outro cosmo e nos relacionamos com a sociedade envolvente, para não dizer opressora nos modelos coloniais. A ideia de gênero se faz de um binarismo: macho e fêmea, que trás uma matriz ocidental cristã europeia, isto não é nosso. Relacionamo-nos entre nós com harmonia e amor, sem pensar sobre certos conceitos ou formas do outro que não vive ou conhece nosso lugar, o nosso caminhar no chão e nossas dores e alegrias que nos atravessam. Buscamos o *bem viver*. E fazer isso é muito difícil, pois nos foram roubados nossos direitos e vidas. Relações de gênero podem pensar sobre quais gêneros: humanos ou não humanos. Penso que o gênero somente é uma palavra que não define muitas coisas, no entanto, até nos serve para mostrar certas mazelas, pois antes, as mulheres indígenas eram obrigadas a casar com os brancos, daí surgiram às falas vergonhosas e reais, para não dizer doentia: “minha vó foi pega a laço.” Imaginam, quantas vezes ouvi isso, e refletia tristemente sobre a condição desta mulher humana. E agora, respondo,

“ela não foi pega a laço, foi estuprada e obrigada a viver com o criminoso, então, você é fruto de um estupro e mal ao meu povo.”

7. *Você poderia explicar a nós, o que seria esse “bem viver”? Qual a relação dele com a sexualidade e as questões de gênero? Há diferenças entre a concepção de bem viver para homens e mulheres, ou é um desejo comunitário?*

R.: Bem viver é vivermos em nossos territórios ancestrais sem termos de nos preocupar com as políticas governamentais. É está junto com os parentes em atitudes de compartilhamento comunitário, solidariedade e amor. Quando estamos unidas em um processo de vida e constante aprendizado com a nossa natureza, a sexualidade e o gênero não estão nesta pauta, uma vez, que pelo que tenho observado, ela existe, quando não há respeito pela individualidade e corpos, sejam eles femininos ou masculinos, humanos e não-humanos. Não existe diferença entre os povos que vivem ou buscam o **bem viver**, pois tratar-se de um pensamento comunitário. Algo complexo, pois vivemos em uma sociedade capitalista e extremamente egoísta e individualista. A leitura que temos de mundo é diferente do mundo que estamos inseridos, e viver nesta brutalidade de vida, não significa que aceitamos, pelo contrário, buscamos isso, como modo de ser e está neste planeta.

8. *Como os povos tradicionais indígenas lidam com a questão do homossexualismo nas comunidades e na sociedade, de maneira geral?*

R.: Não posso falar de todos os povos, mas está doença chamada preconceito não está na nossa esfera social, porque como podemos ser ruim com os outros, estaremos repetindo e imitando o que fazem conosco pela nossa forma de viver. Muitas vezes, e quase sempre, a condição de escolha íntima e pessoal que irá definir aquele corpo e espírito.

No 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) – um encontro internacional e interdisciplinar de e sobre mulheres que aconteceu conjuntamente ao Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 (FG), entre os dias 30 de julho e 4 de agosto de 2017 em Florianópolis, SC, Brasil, no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fui presenteada com uma bandeira LGBT+ pelo teatrólogo Samuel Preto, por ser uma bandeira colorida, trazia uma diversidade simbólica nas suas cores, que

chamam arco-íris, reflexo da luz sobre o sol...Um arco-íris é nós: Povos de vários lugares que se juntam embaixo do sol, e será que iremos refletir as cores deste outro arco-íris que tem na bandeira que representa estas pessoas que sofrem por conta do binarismo, ocidental e cristão? A resposta não é dada por mim, mas pelas estatísticas de morte violentas destas pessoas. Tudo isso acontece, e é fruto do cristianismo imposto na sociedade indígena, e outra sociedade que se construiu com os restos apodrecidos do velho mundo, que aqui se instalou na colonização.

Dentro destes modelos sociais, tem de ter um homem e uma mulher, para se chamar de família, e com ela, temos, todos os mitos que construíram dentro desta área da santa trindade, sendo inadmissíveis dentro desta visão que outras pessoas não se encaixem nas caixas mofadas. Uma visão que estabelece a segregação, a morte, e o extermínio.

Neste sentido, é fundamental a defesa dos direitos a vida destas pessoas, conjuntamente com a luta contra a colonização e o colonizador, que trouxe o binarismo e a morte aos nossos antepassados e territórios. Uma luta por afinidade e solidariedade coletiva. Voltando a bandeira LGBTQ+, andava com ela pelo evento, e causava espanto aos olhos das pessoas. Fui indagada: “Você defende os LGBTQ++?”. Naquele momento sorri, pensando nas opressões que sofri desde sempre e respondi com todas as certezas daquele dia de Sol: **“Impossível não ser solidária a causa, pois todos e todas sofrem do mesmo mal que o meu povo sofreu, que é a colonização.”** E olhei para a bandeira e de algum modo pensei que podíamos ter cores, e não viver na escuridão de espírito sem o sol e o arco-íris.

9. Como os povos tradicionais indígenas lidam com os sujeitos LGBTQ+ nas comunidades e na sociedade?

R.: Não se tem notícias até hoje, que algum (a) indígena LGBTQ+ foi vítima de homicídio pelo seu povo, dentro da sua aldeia. Temos de prestar atenção a isso primeiramente. Por sermos diversos, 305 etnias fica complicado responder esta pergunta. Tenho vários parentes e parentes indígenas que são LGBTQ+ que tem seu protagonismo e falam sobre suas escolhas, que de certo modo, desmitificam que não existe LGBTQ+ nos nossos territórios.

10. O que você pensa sobre o Feminismo?

R.: Penso que deve ser respeitado por todos os povos. Só que não é somente uma palavra quando falam: Sou feminista e ponto final. De algum modo deve estar inserido nas suas práticas sociais com os outros e outras. As minhas experiências com o feminismo branco não são boas ou algo que seja digno de replicar. Foram ruins e causaram muitas dores. Percebi como um modo de pensamento, muitas vezes está distante das práticas. Não é porque leio livros de autoras feministas, ou estou na academia fazendo falas sobre o tema, que me tornarei feminista, e saio por aí, feito um papagaio repetindo palavras vazias sem o fazer. Esvazia o discurso e de algum modo, negativa aos outros olhares que sentem e percebem isso. Sei um pouco sobre o feminismo negro e as **doloridades**, que a professora Marielda Barcellos fala sobre a sua tia avó, que foi babá na época do ventre livre, e cuidava dos filhos e filhas dos escravocratas da cidade de Pelotas, RS, e quando não estava mais hábil a trabalho, foi morar na casa dos seus pais, trazia consigo por anos de labuta uma mesa, uma corrente e um instrumento de castigo: um chicote. Eu ouvi está história dela, com os ouvidos atentos as dores que as suas palavras traziam, os verbos têm espírito e significado quando se fala algo que nos toca. Pensei sobre a minha avó Maricota que cortava seringa e quebrava castanha nas florestas e seringais do Acre e Amazonas para alimentar seus filhos, e de como se sentiam no mundo. Elas não sabiam do feminismo, mas viveram sob muitas condições de sofrimento e opressão do patriarcado imposto, pois, tudo isso, que o feminismo aborda como, o patriarcado, machismo, são construções de outro lugar, que vieram para cá. E se tem ranço destas coisas/práticas entre nossas organizações, é fruto/sequela desta violenta colonização que ocorre em nossos territórios.

Imagine, cobiçavam e nos objetificam na contemporaneidade. Antigamente, se as mulheres fossem negociar ou até mesmo fazer a linha de frente, seriam violadas, como foram ao logo destes cinco séculos. E tenho de ouvir, educamente, que as mulheres indígenas agora podem ser lideranças. Sempre fomos. O que acontecia e que éramos oprimidas pelo outro cosmo, os brancos, que nos negava a fala, mas nas nossas aldeias tivemos voz e protagonismo. Nossas especificidades sempre foram excluídas das políticas públicas e pautas governamentais. E isto tudo faz parte deste processo colonial que estamos inseridas. E quando me refiro em **processo colonial entendo que este marco é apenas histórico, não compreendido pelos povos originários, o que percebo é apenas a mudança, e os modos que se faz as diversas explorações, pois a**

estrutura , isto é, o esqueleto é o mesmo, o que muda é carne que abastece isso tudo- a carne negra, indígena e LGBTQ+ e pobre.

11. A violência de gênero é um problema para as comunidades indígenas?

R.: Em algumas aldeias pode ser que aconteça, não tenho informações concretas sobre tais práticas. Cada povo tem seu modo de resolver esta questão dentro de seus territórios. No entanto, o contato nos amaldiçoa de alguns vícios criminosos. Mas os números de feminicídio e violências contra as mulheres indígenas não demonstram que isto pode ser curado.

12. Podemos falar em Feminismo Indígena?

R.: Como podemos falar em Feminismo Indígena, se implanto algo de fora, mesmo que tenha uma alteridade, será sempre uma planta estranha e desconhecida do nosso povo; tornar-se impossível pensar que exista feminismo indígena, pois **se aceitarmos estaremos novamente sendo colonizada pela fala/conceito de outro povo que sempre teve a pretensão de nos impor sua cultura, seja através da catequização, evangelização e etc... Podemos falar em Mulheres Indígenas Guerreiras, pois a nossa luta é pela terra que faz parte de nosso corpo e espírito.** Trago a fala da liderança Valdelice Veron, que diz: A ideia de intriga ou rivalidades entre os sexos não existe na cultura Kaiowá. Somos parte integrante de um todo. Não sou feminista, sou indígena guerreira e nossa luta é para vivermos em paz em nosso modo de ser.

“O termo feminismo não pertence originalmente à cultura dos povos indígenas. O machismo e patriarcado, tal como tem sido criticado na academia, foram trazidos pelos europeus a partir do encontro colonial. Em termos epistemológicos, fazem parte de mais uma das tantas violências às quais estivemos e estamos expostas ao longo de mais de quinhentos anos de invasão por estrangeiros que desembarcaram com suas caravelas no continente americano. Este ponto de vista permite uma reflexão sobre o colonialismo refletido em falas, escritas e percepções sobre a mulher indígena em geral e a respeito da mulher Kaiowá em específico, haja vista nossas próprias formas de organização social, historicidades particulares e formas específicas de cada povo para a produção de conhecimentos.

Aceitar sem questionamentos os conceitos de feminismo a partir de outra cosmologia equivale a continuar o processo de colonização como ser humano feminista. Significa (re) produzir uma violência ao aceitar certa epistemologia ocidental como se o

machismo e o patriarcado fossem fenômenos universais a toda a humanidade. Denota até o propósito de apagar a história dos povos indígenas, enquadrando-a numa história linear, evolutiva e eurocêntrica para legitimar a violência decorrente das relações de poder e exploração impostas a partir dos encontros coloniais iniciais.

O protagonismo das mulheres indígenas na luta pelos direitos dos povos originários foi construído no contexto de situações históricas marcadas por guerras genocidas e tentativas de escravização. Não obstante, mulheres indígenas reconhecem que o feminismo é uma virtude, mas isso não significa que aceitem o feminismo ocidental como algo universal a ser adotado nas comunidades e no seu modo de viver, sendo que a pauta feminista, não contemplou as mulheres indígenas, e quando aparecemos, estamos em condições de precarização a respeito.. “Não se pode, pois, colocar modelos prontos e acabados de uma sociedade dentro de outras, e isso se aplica ao caso da tentativa de impor o feminismo ocidental dentro das aldeias e pensamentos”.³

13. Qual a sua relação com o Seminário das Mulheres que acontece em São Lourenço do Sul? Fale sobre a relevância desses encontros para as mulheres indígenas.

R.: Um dia recebi um convite para está em uma cidade nas margens de um grande rio. Faz alguns anos. Falaram que gostariam de conhecer a minha história de vida, embora, pense que a minha história é comum, pois, viver em um território que não é do meu povo, sempre me tornar estrangeira, mas sou uma estrangeira conhecida, pois sei, que o chão que piso foi em outro tempo de outros parentes. E tendo uma história comum, pois não é fácil ser uma Apurinã e viver entre os não Apurinã e ter alçado uma universidade, mestrados, isto tudo sem acesso a ações afirmativas e bolsas. Algo que surpreende as outras pessoas. **Mas surpreende, porque a desigualdades sociais, sempre causa uma palavra que não gosto, que chamam de superação.** Ora, o acesso a educação formal existe na lei deste país que regulamenta. Porém, isto tudo sempre nos foi negado. E sempre questiono isto, pois o meu corpo nestes espaços de privilégio é sempre uma exceção, para não dizer raridade. Isto não é superação, pois sempre fomos capazes, o que existe é o privilégio de uns em detrimentos de outros. E num dia de sol , estava lá entre as mulheres negras, quilombolas, pescadoras, brancas e pomeranas, falando sobre

³ Citação da Dissertação de Mestrado em Antropologia Social- UFPel : “TERRA, VIDA, JUSTIÇA E DEMARCAÇÃO”: Mulheres Kaiowá e a luta pela Terra Indígena Taquara, município de Juti, Mato Grosso do Sul, Brasil

as minhas experiências. Eram todas mulheres. Falando do lugar de falar. Não havia simulacros naquele evento em São Lourenço do Sul, se falavam em mulheres pescadoras, era uma pescadora que falava, e quem mais pode saber sobre nossos pensamentos, que nós mesmas?

Apreendi muito sobre outras mulheres, sobre suas lutas e modo de viver, vi nos seus olhos dores parecidas com as minhas e da minha avó e mãe. Vi que podíamos nos unir, e sermos fortes em nossas caminhadas. Caminhar juntas e cuidar uma das outras. O cuidado é muito importante, como podemos fazer um jardim ou plantação sem o cuidado. Assim, me emocionei, olhando aquelas mulheres que sorriam juntas, que traziam em si uma marca singular: **viver em um país injusto e desigual. Naqueles dias o meu coração estava esperançoso... Olhei o grande rio , aprecie aquelas águas e pensei: talvez as águas do Purus chegaram aqui... E que somos árvores e flores, cada uma de nós tem um jeito especial de está no mundo.**

E dentro da “pequenez” humana, diante da Terra, fazemos parte destes coletivas nos tornar merecedores/as da luz do sol, vamos nos tornando arco-íris juntas, de mão dadas e agregando outras e outras e outros.

Foi algo marcante nesta caminhada. **Hoje os tempos estão difíceis, mas estar próxima daquelas mulheres, e conhecer outras que chegaram, fortalecem as falas e os encantos, e podemos dizer que existimos e resistimos aos tempos de escuridão no Brasil. Não iremos morrer, eu não vou morrer. Alguém ouviu as vozes das mulheres indígenas, outras mulheres ouviram, isto é importante. Vamos nos conhecer para nos entendermos.**



Nasci Kuawá é meu nome indígena , significa fruto da jurubeba braba. Pietra Dolamita é a palavras que chama nome. Nome de Pedra dura para sobreviver nas terras do Sul.

Sou filha da Terra, irmã das estrelas e amiga do Sol. No mundo ocidental tenho formação em Direito (UCPel) Mestra em Educação (IFSul) e Antropologia Social (UFPel).

Me percebo como uma ativista indígena, que atua juntamente com os/as parentes a luta pela Terra. A Terra é fêmea e geradora de nossas vidas, temos de cuidar dela, pois ela não nos negará nada. Sigamos na resistência dos povos indígenas neste lugar que chama Brasil.

Revista
Diversidade
e Educação